

## RODA DE CONVERSA E FORMAÇÃO DOCENTE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

**Carolina Romanazzi Freire<sup>1</sup>**

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*

**André Luiz Bernardo Storino<sup>2</sup>**

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Augusto Motta*

### RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma atividade realizada na Semana de Educação Tânia Mara da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), denominada “Construindo pontes: uma roda de conversa sobre gênero e sexualidade na formação da/o pedagoga/o”. O objetivo geral deste artigo é analisar como os conceitos de gênero e sexualidade têm sido abordados na formação de estudantes, bem como investigar as percepções das/dos futuras/os docentes sobre a temática em suas práticas pedagógicas. Metodologicamente, a pesquisa baseou-se na realização de uma roda de conversa online, que atuou como espaço dialógico e investigativo. Como principais resultados, podemos evidenciar que os discentes percebem uma forte vigilância sobre o tema no ambiente escolar, o que frequentemente restringe o debate à mera reprodução de papéis sociais. Contudo, as narrativas revelaram uma postura crítica das pessoas participantes, que questionaram a fixidez estrutural das identidades, a naturalização cisheteronormativa e até mesmo o reforço capitalista na produção dos gêneros desde a infância. Conclui-se que os conceitos de gênero e de sexualidade demandam reflexão contínua e que espaços formativos dialógicos, como o aqui relatado, são fundamentais para promover a desconstrução e o fortalecimento crítico na formação docente inicial.

**Palavras-chave:** Formação docente; Gênero; Experiência; Roda de Conversa.

### CONVERSATION CIRCLES AND TEACHER TRAINING: POSSIBLE DIALOGUES ON GENDER AND SEXUALITY

### ABSTRACT

This paper is the result of an activity held during Tânia Mara Education Week at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO), titled “Building Bridges: A Roundtable Discussion on Gender and Sexuality in Teacher Education.” The overall objective of this article is to analyze how the concepts of gender and sexuality have been addressed in student training, as well as to investigate future teachers’ perceptions of the topic in their pedagogical practices. Methodologically, the research was based on an

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Atua como docente substituta na Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Endereço para correspondência: Rua Ilka Brasil 96, Niterói, RJ, CEP 24130026, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1310-5085>. E-mail: [srtromanazzicarol@gmail.com](mailto:srtromanazzicarol@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor de filosofia no Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC). Cursando estágio de pós-doutoramento no Programa de Desenvolvimento Local na Universidade Augusto Motta (UNISUAM), Integra o Núcleo de Estudos, Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NuDES/UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Mario Barbosa, 2, Xerem, Duque de Caxias, RJ, Brasil, 25250-480. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4787-5069>. E-mail: [dresofia@gmail.com](mailto:dresofia@gmail.com).

online discussion circle, which served as a space for dialogue and inquiry. As key findings, we can highlight that students perceive a strong surveillance of the topic in the school environment, which often restricts the debate to the mere reproduction of social roles. However, the narratives revealed a critical stance among participants, who questioned the structural fixity of identities, cisheteronormative naturalization, and even the capitalist reinforcement of gender production from childhood onward. It is concluded that the concepts of gender and sexuality require continuous reflection and that dialogic educational spaces, such as the one described here, are fundamental for promoting deconstruction and critical strengthening in initial teacher education.

**Keywords:** Teacher training; Gender; Experience; Conversation circle.

## CÍRCULOS DE CONVERSACIÓN Y FORMACIÓN DEL PROFESORADO: POSIBLES DIÁLOGOS SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDAD

### RESUMEN

El presente trabajo es fruto de una actividad llevada a cabo durante la Semana de Educación Tânia Mara de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UNIRIO), titulada «Tendiendo puentes: un círculo de conversación sobre género y sexualidad en la formación del/de la pedagogo/a». El objetivo general de este artículo es analizar cómo se han abordado los conceptos de género y sexualidad en la formación de los estudiantes, así como investigar las percepciones de los futuros docentes sobre la temática en sus prácticas pedagógicas. Metodológicamente, la investigación se basó en la realización de un círculo de conversación en línea, que actuó como espacio dialógico e investigativo. Como principales resultados, podemos destacar que los estudiantes perciben una fuerte vigilancia sobre el tema en el entorno escolar, lo que a menudo restringe el debate a la mera reproducción de roles sociales. Sin embargo, las narrativas revelaron una postura crítica de los participantes, quienes cuestionaron la fijeza estructural de las identidades, la naturalización cisheteronormativa e incluso el refuerzo capitalista en la producción de los géneros desde la infancia. Se concluye que los conceptos de género y sexualidad exigen una reflexión continua y que los espacios formativos dialógicos, como el aquí descrito, son fundamentales para promover la deconstrucción y el fortalecimiento crítico en la formación inicial del profesorado.

**Palabras clave:** Formación de profesores; Género; Experiencia; Mesas redondas.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma atividade proposta na Semana de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO. No ano de 2025, a Semana de Educação teve como tema “Os desafios da formação do pedagogo”. A atividade “Construindo pontes: uma roda de conversa sobre gênero e sexualidade na formação da/do pedagoga/o” foi realizada de forma síncrona, pelo *Google Meet*, e teve como objetivo pensar como os conceitos de gênero e sexualidade têm, ou não, sido abordados e se configurado como conteúdos nas formações das/dos estudantes que se inscreveram na atividade.

Uma Roda de Conversa que buscou dialogar, hodiernamente, com a urgência em se compreender como os temas relativos ao gênero e à sexualidade precisam compor a formação daquelas/es que já são e das/os que serão docentes, para além das

abordagens tradicionais das ciências biológicas e médicas. Uma vez que se pode constatar que determinadas abordagens perpassam e fazem parte dos debates sociais, seja silenciando, seja negligenciando e até mesmo marginalizando quaisquer discussões que não reproduzam uma perspectiva cisheteronormativa, como apontado por Viviane Vergueiro (2016).

Igualmente importante é salientar que, ao mesmo tempo em que há um avanço nos estudos e demandas referentes ao gênero e à sexualidade, crescem também as tentativas de obliterar as/os sujeitas/os que alavancam esses debates em múltiplas instâncias da vida. As desigualdades produzidas a partir de preconceitos estruturais são responsáveis por gerar uma notória e violenta variedade de problemas a diferentes sujeitas/os. Violências, cujas instituições tendem a produzir e a reproduzir, pela manutenção de seus mecanismos de opressão.

Assim, em nossas conversas, debruçamo-nos nos espaços mais formais de educação, tais como a escola e a universidade e tecemos diálogos com aquelas e aqueles que estão em fase de formação para atuar como futuras/os docentes (Ferreira, Oliveira, 2025). Por compreender que suas atuações, na escola ou na universidade, serão sempre marcadas por espaços de disputas, conforme aponta Guacira Lopes Louro (1997, p. 84-85),

[...] a linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares são, todos, campos de um exercício (desigual) de poder. Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos.

Afim de uma maior adesão e buscando agregar o maior número de participantes, a roda foi proposta para ocorrer remotamente. O dia e horário foi previamente divulgado pela Escola de Educação da UNIRIO, assim como o envio do link da sala no *Google Meet* as/aos participantes.

No decorrer da atividade, as conversas foram provocadas e motivadas seguindo alguns tópicos, visando estimular as/os participantes a interagir e apresentar questões sobre os temas debatidos. Assim, organizamos esse texto seguindo a dinâmica da roda, seus debates e as provocações que surgiram nela e por meio dela. Durante escrita

desse trabalho salientamos para aquela e aquele que nos lê que criamos nomes fictícios para as/os participantes para que suas identidades sejam preservadas.

A transcrição das falas priorizou a fidedignidade da oralidade e a preservação da dinâmica relacional dos encontros. Inicialmente, recorremos ao uso de inteligência artificial para a decupagem bruta do áudio, etapa que foi obrigatoriamente sucedida por uma rigorosa revisão manual e escuta atenta. Compreendendo que o processo de transcrição constitui uma mediação não neutra, foi realizada uma transcrição literal (*ipsis litteris*), mantendo as marcas de oralidade, hesitações e coloquialismos inerentes à fala, sem edições de adequação à norma culta escrita. Sob essa mesma justificativa, os textos não foram devolvidos para a validação dos participantes, pois entendemos que, por se tratar de um diálogo construído coletivamente na roda, a leitura individual a posteriori poderia gerar estranhamento e induzir à auto edição, o que alteraria substancialmente a natureza espontânea das respostas e das interações originais.

#### **A questões de gênero e da sexualidade na formação docente.**

A atividade docente, assim como outras, é uma profissão perpassada pelas subjetividades. Nesse sentido, se faz patente que as/os docentes tenham atenção à sua *práxis* pedagógica, pois nela é fundamental pensarmos os modos como teoria e prática podem ser significativamente potentes no que concerne a emancipação humana. Essa relação entre a teoria e a prática é de suma importância, pois trata-se do modo como educadoras e educadores refletem criticamente, a partir de epistemologias que sustentam o tipo de educação que será colocada em pauta, assim como os seus objetivos formativos.

Concordamos, assim, com Carlos Marcelo Garcia (1999), ao apontar a necessidade de se pensar a *práxis* pedagógica como fundamental, pois se trata de uma atividade que envolve aplicabilidade de saberes teóricos e dos desenvolvimentos dessas práticas. Como também com Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro, ao evidenciar que

A formação docente pode ser um espaço/tempo em que os/as professores/as têm a oportunidade de desconstruir concepções naturalizadas, abalar certezas prontamente construídas, revisar seus próprios valores, colocá-los

sob suspeita, repensar os currículos escolares e as práticas pedagógicas, com vistas à ampliação das noções de saberes legítimos e da pluralidade em torno da vivência da sexualidade, percebendo, também, sua contingência (Ferrari; Castro, 2013, p. 316).

Os saberes docentes não se encerram em conhecer e dominar epistemologias. É um elemento importante, mas não o único. A docência é marcada também pela desconstrução e questionamentos construídos ao longo da vida em relação às verdades e normas apreendida em nossos cotidianos. Este movimento de desconstrução coloca as/os futuros/as professoras/es em um contexto em que se questionam os desafios de uma educação formal, especialmente no que diz respeito aos temas de gênero e sexualidade.

Olhar os conceitos de gênero e da sexualidade como guias que conduziram a nossa reflexão na roda de conversa é assumir que, além de transversais, também são fundantes, ou seja, neles e por eles se mantêm naturalizações de postulados políticos. A naturalização como essencialização de práticas que geram diferentes tipos de preconceitos e que têm, atualmente, sofrido inúmeras investidas que deturpam o significado que tem sido construído e constituído pelos Estudos sobre Gênero e Sexualidade (Louro, 1997; Butler, 2003). Desencadeando, assim, a produção de um pânico moral, cujas investidas antigênero têm ensejado diferentes ataques de alguns movimentos de diferentes setores políticos e religiosos (Junqueira, 2018).

Além disso, a importância de um olhar atento aos conceitos supracitados se faz relevante, uma vez que a construção de narrativas que silenciam vidas e desumanizam diversos corpos têm se mantido atuante. Agora, cada vez mais presente quando se pensa as redes sociais e a propagação dos discursos de ódio. Uma desumanização e violência que podem ser compreendidas de forma múltipla, ao observar a presença de falas que abarcam desde o discurso de ódio que leva à reprodução da violência física até mesmo ao apagamento de outras epistemologias, cuja violência epistemológica tenta apagar outros saberes, impondo assim o perigo de uma história única como já apontado por Chimamanda Adichie (2009).

A formação docente, observada pelo olhar do gênero e da sexualidade, deve estar atenta ao que Judith Butler (2003) salienta sobre um sistema que lê e enquadra

pessoas na tríade sexo-gênero-desejo. Esse tipo de leitura intensifica e tende a marginalizar os corpos que desviam dessa norma. Em Joan W. Scott podemos perceber a produção de corpos sexuados e os modos como isso produz relações sociais “(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (2017, p. 86). O que nos leva a assumir uma posição quanto à naturalização de características que vão sendo essencializadas. Por isso, deve-se suspeitar de ideias que atribuam como necessariamente verdadeiras determinadas características culturais aos seres humanos como se elas decorressem de uma natureza fixada e acabada em si mesma.

Essa desconfiança nos permite perceber que seres humanos são também construídos a partir de contextos históricos e que seus modos de ser/estar no mundo não são dados fixos, pois são atravessados pelas relações de poder e os modos como os corpos servem a determinadas sociedades (Foucault, 1987). E como a formação docente faz parte desse espectro formativo dos corpos. Como é salientado por Guacira Lopes Louro (2000, p. 6), que sentidos são atribuídos aos corpos são sempre sociais.

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – no corpo é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade [...].

A autora nos leva a refletir sobre a construção da identidades em diferentes contextos e sociedades ao apresentar como alguns fatores são organizados e utilizados para refletir o que se deseja fixar como gênero e sexualidade. Nesse sentido, acreditamos ter sido fulcral a proposição da roda de conversa sobre a temática na Semana de Educação, a fim de que se provocasse memórias e olhares para esse processo formativo e suas práticas.

## Por que uma Roda de Conversa?

Propor uma Roda de Conversa como um procedimento metodológico com estudantes da licenciatura em pedagogia, para se pensar o gênero e a sexualidade nas formações é também uma forma de assumir determinados pressupostos metodológicos, uma metodologia. Ouvir cada uma e a cada um com atenção aberta, demorada e honesta é uma forma de deixar a conversa seguir seus próprios meandros, outra forma de realizar uma investigação.

Por meio dela, investigar como as/os participantes, ao serem questionadas/os e provocadas/os,<sup>3</sup> relatam questões como: i) “O que entendem quando falamos sobre diversidade?”<sup>4</sup> ii) “O que pensam essas/esses futuros professores sobre conceitos como homem e mulher?”, ii) “Onde se localizam esses debates em suas formações?” Provocações que pudessem leva-las/os a compartilhar como esses temas aparecem em suas falas, como os abordam e que ferramentas usam cotidianamente.

De certo modo, conversar é permitir a feitura de caminhos, nos quais podemos olhar uma determinada realidade, sem que as tomemos como fixa e acabada, mas uma realidade experimentada, acontecida, isto é, provisória e sujeita a múltiplas interpretações de quem a narra e de quem a escuta. A conversa nos leva a olhar os possíveis com que cada pessoa experimenta o seu mundo, a partir dos acontecimentos, ou seja, ela é uma oportunidade que nos abre “(...) aos acontecimentos e aos possíveis que ele conjura (...)” (Ribeiro, Souza, Sampaio, 2018, p. 33).

Para Carmen Sanches (2018), a conversa nos mostram os modos como estaremos com pessoas. Conversamos porque temos interesses de pesquisa que

---

<sup>3</sup> No que tange aos procedimentos metodológicos, é importante ressaltar o papel conferido aos recursos audiovisuais durante a atividade. Os vídeos não foram utilizados como elementos indutores de respostas, mas sim como problematizadores e disparadores dialógicos. Metodologicamente, optou-se por anteceder a exibição de qualquer material por um momento de escuta atenta, no qual os participantes foram convidados a compartilhar suas vivências e saberes prévios a partir de questionamentos exibidos durante a atividade. Somente após essa manifestação inicial é que o material audiovisual foi introduzido, com o objetivo de complexificar as discussões e provocar novos tensionamentos na roda, garantindo a fidedignidade das narrativas coletadas na primeira etapa do encontro.

<sup>4</sup> A utilização do termo ‘diversidade’ para a roda de conversa, deu-se na intenção de provocar como o conceito é assumido e interpretado pelos participantes, quando problematizam a presença dos marcadores da diferença, no campo da educação. Orientamos essa escolha pela problematização que Tatiane C. Rodrigues e Anete Abramowicz (2013) apresenta no artigo “O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação”.

podem ser ampliados a partir desse encontro com outras pessoas “enredar os sujeitos, levando-os, dependendo das redes de conversas tecidas, a mudar de ideias” (Ferraço; Alves, 2018, p.45). A mudança de ideias faz parte das conversas, pois nela ouvimos muitas vozes.

A conversa é algo do nosso cotidiano, faz parte da nossa vida. Conversar é parte da vida cotidiana de todos/as. Conversamos cotidianamente e de múltiplas maneiras: conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas, provocativas, emotivas, alegres, tristes. Conversamos enquanto estudamos, enquanto *aprendemosensimanos*. Por que não enquanto pesquisamos? (Sanchez, 2018, p.25).

Conversar também é um modo fazer pesquisa, sobretudo pela possibilidade de se estar abertas/os a ouvir outras pessoas para além do que desejamos saber. Conversando somos atravessadas por falas múltiplas que podem também agregar inúmeras questões as nossas práticas.

Assim, conversamos durante uma hora e quarenta minutos, com 11 discentes, dos quais eram 7 mulheres e 4 homens.<sup>5</sup> Utilizamos como disparadores para iniciar e manter as conversas alguns recursos imagéticos, a saber: imagens e textos. Também nos valem de pequenos vídeos para provocar a reflexão. O primeiro, disponível no canal do Plan International Brasil, “O Desafio da Igualdade”, que aborda os modos como a sociedade essas ideias, estabelecem critérios diferentes de tratamento aos homens e às mulheres. Em seguida, o vídeo “Gênero e Sexualidade”, disponível no canal da Rede Puc, para discutir e problematizar os conceitos de gênero e sexo, bem como suscitar debates que se desenvolvam para além do aparato biológico, ao mesmo tempo que abordar essas questões a partir de contextos sócio históricos.

Utilizamos ainda um vídeo do Canal Dráuzio News: “Intersexualidade no nascimento divide especialistas”, afim de introduzir uma conversa sobre o que é a intersexualidade e quais debates tem sido feitos sobre ela. E, por último, do canal de Valmir Saldanha, “Educação Sexual para crianças”, do Projeto “Defenda-se”, para

---

<sup>5</sup> Importante pontuar que a Semana de Educação iniciou-se no dia 26/05 e terminou no dia 01/06/2025, com muitas atividades oferecidas presencial e remotamente, totalizando quase 100 atividades. Todas as atividades ofereciam um número máximo de participantes. Podiam realizar inscrição qualquer docente de qualquer licenciatura. Foram oferecidas 40 vagas para a atividade objeto deste artigo.

pensar sobre a importância da educação sexual nas escolas e na educação das crianças pequenas como um mecanismo que auxilia na prevenção de abusos.

As imagens e os vídeos foram usados como disparadores, para que pudéssemos conversar, partindo de algumas perspectivas que nos eram sensíveis, a saber: i) compreender por qual/quais vieses esses debates são apresentados; ii) o quanto essa (s) orientação (ões) é (são) balizada (s) pelo viés biológico?; iii) perceber a presença da reprodução de preconceitos estruturais? e iv) assim como os tipos de problematizações que as/os discentes acionam e constroem quando a proposta é abordar o tema em sua atuação, em suas práticas? Optamos em identificar as/os participantes<sup>6</sup> com nomes de pensadores e pensadoras<sup>7</sup> da área de filosofia e do período histórico da Grécia Antiga, tais como: Sócrates, Hipátia, Cristine de Pizan, Aristóteles, Aspásia entre outras/os. Identificando as participantes com os nomes femininos às mulheres e os masculinos aos homens.

#### **A percepção do gênero e da sexualidade, a partir da diversidade.**

Iniciamos a roda de conversa com uma imagem cujo objetivo é pensar sobre diversidade e como as/os participantes entendem esse conceito ou percebem a diversidade a partir dela. Deixamos a imagem compartilhada na tela para que as/os participantes pudessem demorar em sua contemplação. A ideia inicial era pensar as diversas nuances no que concerne à diversidade.

---

<sup>6</sup> Foi disponibilizado um formulário de inscrição, no qual cada participante assinalava a permissão de Gravação da Roda de Conversa, como da utilização de suas falas para posterior publicação de cunho acadêmico, salvaguardado sempre o anonimato. O mesmo foi solicitado no início da gravação da Roda, ao vivo.

<sup>7</sup> A escolha na caracterização, ainda que binária, das/dos participantes segue a lógica das identidades apresentadas pelas/os participantes. Não havendo nenhuma pessoa que, ao se apresentar, tenha deixado ou tenha feito questão de demarcar uma identidade específica, seja as identidades de gênero seja de uma identidade sexual. Julgamos, então, optar por criar os codinomes no espectro de uma lógica binária, para fazer jus ao modo como cada pessoa buscou se caracterizar.

Figura 1 – Imagens que nos remetem ao conceito de diversidade.



Fonte: Compilação de imagens disponíveis gratuitamente no Canva.

De maneira bastante significativa, surgem algumas problematizações acerca das vidas que importam e são dignas, o que dialoga com alguns apontamentos feitos por Judith Butler (2019), que nos provoca a pensar sobre a precariedade a que algumas vidas são submetidas mais que outras, em que os corpos dissidentes, que escapam das normatizações e normalizações cisheterossexuais, tornam-se facilmente alvo das múltiplas formas de violências cotidianas da/ na sociedade. Como se pode depreender da fala do Sócrates ao contemplar as imagens.

Assim, o meu olhar já acaba sendo um pouco viciado e eu fiquei pensando, aqui, como é que meus filhos veriam as imagens, entende? Mas como eu já estudo essas questões, automaticamente, ao olhar as imagens, me remetem, as imagens me levam a pensar na questão da diversidade sexual. Mas eu queria tentar fazer um exercício, pensar antes dessa questão, sabe? Não necessariamente ser levado às questões da sexualidade, mas pensar antes as imagens, me veio uma palavra muito forte, gente? Tudo bem que as imagens eram de pessoas, mas gente... e o que que é gente? Eu estou falando isso porque eu estava, agora de manhã, vendo um vídeo no Instagram sobre um repórter questionando a enviada de Israel nos Estados Unidos, perguntando se ela sabia o número de mortes de crianças, e ela não sabia. Tem uma hora que ela fala assim... claro que tem um corte, né? Ela fala assim: 'ah, mas isso é irrelevante'. Claro que o corte foi feito para parecer que ela fala que é irrelevante a morte das crianças, embora não seja isso? Mas, como é tratada essa questão também? Fiquei pensando como é que se faz esse cálculo? Como é que se faz o cálculo de morte de crianças? E aí a imagem me remeteu a isso, diretamente à questão da sexualidade, da diversidade de pessoas que merecem existir. Mas eu fiquei pensando como meu filho veria essas imagens. Eu já estou com o meu olhar meio conduzido para remeter à questão da sexualidade, embora a imagem não traduza só isso. Mas eu fiquei pensando, como é que a gente classifica gente? Como é que a gente classifica pessoa? Como é que vale cada pessoa? O que vale cada pessoa? Como é que esses conceitos se interseccionam? Acho que me lembrou um pouco isso. Não sei se eu viajei, mas foi o que me remeteu um pouco assim (Sócrates).

Aparece em sua fala a preocupação com a classificação social que estabelecemos e o que decorre dela materialmente. A imagem o leva a pensar que a

diversidade não está aquém dos debates e lutas políticas, antes, é pressuposto. Permitir um mundo diverso não se pode reduzir à constatação de que somos diversos, mas que tal diversidade é construída e constituída pela produção política, ética e estética da diferença (Hall, 2014; Silva, 2014).

A construção social da diferença vai tornar-se mais latente quando as/os participantes são também convidadas a pensar se é possível definir o que é um homem e o que é uma mulher. Provocadas/os a pensar em uma definição, sem pretensões acadêmicas, a partir de uma situação hipotética em sala de aula, em que uma criança lhes perguntasse “O que é ser homem e o que é ser mulher?” O que vocês acham que é ou o que vocês acham que a maioria das pessoas definiriam?

Enquanto o primeiro participante pontua a presença da vigilância, que parece perceber quando se aborda os temas em sala de aula. Embora, em um primeiro momento, sua resposta parece relacionar a definição de homem e mulher ao que cada qual pode desenvolver socialmente. O que é apontado por Guacira Lopes Louro (2014) como uma armadilha que reduz a produção do gênero aos papéis sociais, ainda que cotidianamente estejam relacionados pelas atividades que cada uma/um desenvolvem, todavia reforçada pelas instituições. Como, por exemplo, a igreja e a escola, (Araujo, Ferrari, 2020) essa produção está além da mera atribuição cultural e social. “Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar(...)” (Louro, 2014, p. 28). O que se percebe nas pontuações que Sócrates faz

Se uma aluna perguntasse isso, como é que a gente responderia? E aí é aqui que está o grande barato, talvez, da coisa. A gente responderia normalmente, como se respondesse a qualquer coisa. É porque a gente está vivendo um pandemônio de uma vigilância tão grande que, como se a gente fosse trabalhar o gênero e a sexualidade nessa perspectiva mais complexa, que a gente consegue trabalhar no ensino médio e na universidade. No ensino fundamental na verdade não existe. A discussão de gênero que existe no ensino fundamental, principalmente na educação básica, do primeiro segmento à quinta série, são discussões dos papéis, sabe, dos papéis sociais que a gente acaba desenvolvendo. E aí volta à primeira pergunta que vocês fizeram? Como é que eu definiria homem? Então, sem cair no ‘biologicismo’, nessa questão da biologia. Seria pelos papéis sociais. E aí, pelos papéis sociais, todas as pessoas podem desenvolver qualquer papel? Nesse sentido (Sócrates).

Contudo, *Sócrates*, conclui que tratar o tema com as crianças do ensino fundamental seria até mais pertinente se tomado e desenvolvido pelo questionamento desse papéis sociais, isto é, questionar a fixidez com que a sociedade tende a estabelecer-los. Propõem questionar essa constituição que se faz do sujeito ao tentar defini-lo pelo o que ele faz e não pelo que se é, ou seja, “Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o” (Louro, 2014, p. 29).

Essa produção do gênero e a vigilância da sexualidade é questionada pela participante *Hipátia*, a partir da ótica de construção reforçada pelo capitalismo. Ela aponta os vídeos de “chás revelação” a reforçar essa lógica da produção do gênero dentro de um espectro normativo. A comemoração da confirmação de sexo “masculino”, do suposto menino, como o reforço da lógica patriarcal (Couto Junior, Amaro, Romeritto, Ruani, 2020).

Então, eu estava vendo o vídeo e a primeira coisa que me fez pensar é sobre como se tornou até rentável, até um pouco capitalista, essas definições de homem e mulher. E pensando no chá revelação, sabe? Que hoje o pessoal faz muito. Sobre sempre atribuir cores azul para homem, rosa para menina. E isso é uma coisa que as pessoas acham normal. Tanto as pessoas, vamos dizer assim, pessoas desconhecidas quanto famosas e as pessoas raramente questionam essa pré-definição que as pessoas colocam. E uma coisa que eu venho me perguntando aqui, tipo assim, a minha cor favorita é azul. E há muito tempo atrás, quando eu comecei a entender sobre isso, sobre essas questões sobre diversidade, como é construído esse papel dentro da sociedade, eu fiquei me perguntando se eu gostava de azul, porque eu gostava ou porque, por ser homem, sempre foi me imposto gostar de azul, sabe? Se isso talvez foi uma questão de constância, se de fato foi uma coisa que eu gostei de sempre. Então, é de fato bem complexo pensar sobre isso, porque é de fato uma construção que vem desde que o ser humano realmente é uma criança, ou até antes de nascer, vamos dizer assim. Quando as pessoas já compram um enxoval definido da cor, sabe? (*Hipátia*)

Ao se questionar em relação à produção de suas preferências de cor, *Hipátia* aponta como essa produção do gênero está atrelada a outros marcadores da diferença que são acionados em uma sociedade. Neste caso, a associação entre o gênero e estética vão produzir um corpo mais ou menos aceito se, e somente se, ele estiver

dentro dos padrões estabelecido pela a classe dominante. Embora a vigilância sobre ele não cesse, mas é abrandada (Sant'Anna, 2014).

O que pode ser constatado na fala da *Christine de Pizan*

Então, eu vou falar para além da cor, né? Eu tenho um menino. Ele hoje está com nove anos. E durante muito tempo, e a gente ainda passa por algumas situações, que agora a gente está falando de uma questão também de estética. Ele tem um cabelo enorme, lindo, cacheado, e por muitos momentos a gente tem as pessoas se referindo a ele por menina. Apenas por um cabelo, apenas pelo comprimento do cabelo dele, por uma imposição. Eu já tive pessoas que falaram, por que você não corta o cabelo dele? Porque ele não quer? Porque ele não gosta? Porque ele é menino, ele teria que ter um certo tipo de corte de cabelo. Então, além da preocupação não só da cor não ser rosa, não ser azul, tem essa questão também da imposição da estética. Eu, graças a Deus, e eu fico feliz que ele já se posiciona quanto a isso. Não só com a questão do cabelo. Quando ele coloca cores que a sociedade entende como sendo de menina, a vida dele fica caótica. Porque aí o visual para a sociedade é que ele seria uma menina. Então ele já se posiciona e aí ele para de responder. Não, você não está falando comigo, eu tenho um nome. Eu me defino como tal, você está chamando uma outra pessoa que não sou eu. Então tem essa questão também de não só da cor (*Christine de Pizan*).

*Christine de Pizan* relata que essa associação é quase inevitável, uma vez que essa 'naturalização' entre estética que atribui o cuidado de si e a delicadeza ao feminino; enquanto força, coragem, razão, ao masculino está presente na nossa formação, por meios de diferentes artefatos culturais, que vão construir, constituir e reforçar essa lógica. Assim ela continua

Então, acho que se alguém me perguntasse, por exemplo, numa sala de aula, como definir homem e mulher, acho que seria até mentira a minha falar que a primeira coisa que eu pensaria seria falar sobre uma ideia tipo de delicadeza ou essa coisa mais feminina de uma mulher e talvez atribuir o que seria uma coisa mais masculina, talvez atribuir objetos ou símbolos que sejam de uma forma geral, pelo menos que se imagine de uma forma geral, ser masculino, sabe? (*Christine de Pizan*)

Por último, o participante *Aristóteles*, ao relaciona as dificuldade em que esses temas foram e são tratados no decorre do tempo, pontua

Então, eu sou de um tempo, né? Digamos assim, lá, sou um adulto, do milênio passado, da década do século passado, onde a definição de homem era o homem que era o provedor da casa, né? Que levava o seu sustento para a família e a mulher vivia no papel como Amélia submissa a esse homem. Essas coisas nos tempos atuais mudaram. Hoje o homem ele faz também um papel também de mulher e vice-versa (*Aristóteles*).

Embora reconheça que não é mais possível que essa lógica permaneça no dias atuais

No caso um homem no meu entender de hoje tem que ser o dono da casa como as mulheres também são as donas de casa. Eu vou te dizer trabalho de casa é muito complicado. Vocês mulheres estão de parabéns. Não é fácil o trabalho doméstico. E olha que eu faço de um todo, porque eu mais gosto de fazer dentro de uma casa, é a cozinha. Eu gosto muito de cozinhar. Aqui na minha casa, o homem da casa é que vai para a cozinha. As mulheres aqui adoram o meu tempero. No caso, eu admiro muitas mulheres que se acham empoderadas. De pé de igualdade, eu acho muito interessante (*Aristóteles*).

Ainda em sua participação, *Aristóteles*, problematiza o termo “empoderamento”, a partir do exemplo de sua mãe e avó.

Foram mulheres empoderadas que não necessitavam de homem algum, sempre correram atrás do que é seu, entendeu? Nunca dependeram de homem nenhum. No meu entender, elas são mulheres empoderadas, sem um homem dando aquele suporte por trás, diferentemente das mulheres de hoje, que não são todas, que se dizem que são empoderadas, mas tem o suporte da presença masculina por trás (*Aristóteles*).

Como também faz uma crítica a sigla LGBTQIAPN+, afirmando que antigamente era mais fácil, e agora parecia “modinha” e que isso tornaria “confuso” e até difícil explicar a uma criança, embora deixe claro respeitar a todos e todas.

Quando era as primeiras palavras LGBT, eu até entenderia. Eu entendi um pouco esse conceito, mas quando entrou LGBTQIA mais PI, quase praticamente o alfabeto todo, já fiquei meio confuso. Eu acho que o negócio caiu um pouco aí no modismo. Entendeu? Então assim, eu sempre respeitei a diferença, por ser um homem preto, eu não sou homem de ficar pré-julgando ninguém, tanto religiosamente, entendeu? Da cor da pele, da etnia. Então eu acho assim, eu acho que nos dias de hoje está um pouco complicado essa questão da sexualidade. E para você passar isso para as crianças, para essas novas gerações, é confuso (*Aristóteles*).

Sua perspectiva provoca e é problematizada pela participante *Hildegarda de Bingen*, ao afirmar que a compreensão do termo “empoderamento”, pelo participante *Aristóteles*, carrega algumas imprecisões, isto é, ser empoderada não é sinônimo de caminhar sozinha, mas é antes e sobretudo se apoderar de um “sentir” e identificar-se nas lutas diárias que toda mulher precisa travar por ser mulher, por se tornar mulher. Uma luta para não ser reduzida e submetidas aos limites desses papéis sociais que lhes são impostos diariamente.

E vou comentar sobre a fala do moço que eu acho que não vi o nome dele. Sobre que antigamente as mulheres eram empoderadas. Ele é meio hipócrita. Que a mulher se diz empoderada, mas tem um homem com ela. Eu acho que você não entendeu muito bem o conceito de empoderamento, que é tipo assim, A mulher, ela pode ter um homem do lado dela. A gente ser empoderada não quer dizer que a gente não quer ser amada, não quer amar um homem ou uma mulher, independente de quem seja. A gente não necessariamente precisa ter uma pessoa do nosso lado, mas também a gente ter uma pessoa do nosso lado. Não diz que a gente é menos ou mais empoderada. Eu admiro muitas mulheres guerreiras e homens que precisam criar seus filhos sozinhas. A minha mãe é uma dessas, mas se eu casar com uma mulher ou um homem, porque eu sou bissexual, isso me faz menos empoderada? Isso me faz menos empoderada, porque dividir a vida com outra pessoa não tem nada a ver com empoderamento. Empoderamento é muito mais sobre se sentir, se identificar como mulher em uma sociedade que nos julgam e nos matam todos os dias. E vestir mesmo a camisa e a luta dar o peito, dar a cara a tapa, porque ser mulher na sociedade de hoje não é fácil, de antes também não era, mas não é porque hoje em dia a gente tem direitos, a gente tem direito ao voto, a gente é mais ouvida entre aspas, a gente tem espaço no... Ter um lugar no ambiente de trabalho. A gente consegue trabalhar em vários lugares onde não conseguimos antigamente. A gente tem direito ao estudo, que também não era garantido para nós antes, mas... ainda é muito difícil ser mulher, entende? Então, acho que o empoderamento é muito mais do que conseguir criar seu filho sozinha, é tudo isso. É conseguir criar um filho sozinha, é conseguir ser mulher hoje em dia, é acordar todo dia e andar numa rua escura com medo de ser estuprada, porque todas nós mulheres temos esse medo, é pensar todo dia na roupa que vai sair de dentro de casa, porque eu penso Às vezes eu quero usar uma roupa que é um pouco mais ousada, mas eu tenho medo Porque eu sei que eu vou pegar transporte público, então eu não uso Então tudo isso pesa muito sobre uma mulher, tudo, tudo, tudo É só para repensar mesmo, porque repensar os seus conceitos de empoderamento e do que é ser uma mulher, porque ser homem e ser mulher não é limitado aos deveres impostos pelas sociedades, que mulher. Tem que lidar com a casa, homem. Trabalhar fora ou vice-versa (*Hildegarda de Bingen*).

Pode-se perceber que quando o debate envolve uma tentativa de significar o que venha definir necessariamente o que é o homem e o que é a mulher, a conversa caminhou em direção a diferentes perspectivas. Apareceram muitos aspectos nos permite compreender que delimitam sua forma de ver, a partir de muitos espaços e lugares nos quais os pés pisam. Portanto, os significados de ser homem e ser mulher são demasiadamente atribuídos por nós, a partir de nossa formação, do que somos e como pensamos nos atributos que constituem os sujeitos (Hall, 2014). Mas em constante diálogo com os significados que nos são designados, somos relação de forças.

A construção desses debates e do lugar que esses corpos ocupam e até mesmo do que são perpassa o que autoras como Margareth Rago (2014) e Heleieth Saffioti (2013). Elas apontam para o modo como as mulheres foram designadas, ideologicamente, à função de cuidadoras, por exemplo. A tarefa de guardiã da família, da moral e da “edificação do lar” se fez presente e ainda faz quando se pensa as delimitações e atribuições das mulheres.

A importância de problematizar e questionar essas delimitações e atribuições se faz latente, sobretudo para analisarmos os modos como as desigualdades se produzem e reproduzem na formação docente, no corpo e para além dele. Levamos a considerar os marcadores da diferença, como: classe social, se refletirmos sobre duplas e triplas jornadas de trabalho, trabalho doméstico não remunerado, salários menores ofertados às mulheres quando exercem as mesmas funções que homens e outras questões. Presentes na fala da participante *Hildegarda de Bingen*.

#### **Das lacunas de uma formação às práticas possíveis.**

Afim de conversarmos sobre a presença dos temas na formação de cada participante, indagamos se haviam cursado alguma disciplina ou visto conteúdo que discutissem abertamente as relações de gênero e sexualidade. Para esse momento, exibimos os vídeos: “Intersexualidade no nascimento divide especialistas, Drauzio News” e “Educação Sexual para crianças - Projeto DEFENDA-SE”. Propomos os seguintes questionamentos: i) como que esse ser homem, ser mulher, eles atravessam a nossa formação? ii) Qual é o lugar desse debate no nosso processo formativo, independente do curso? iii) vocês têm esse debate no curso de vocês ou tiveram? iv) vocês estão tendo alguma disciplina ou professor ou professora que se propõe pensar o tema?

Figura 2 – Cena do vídeo: “Educação Sexual para crianças”



Fonte: print da tela no momento da exibição.

A maioria das/os participantes são oriundos da área das Ciências Humanas. Cursos como filosofia, história, pedagogia... Algumas pessoas já cursando sua segunda graduação. O relato comum das/dos estudantes da segunda graduação é que não houve uma abordagem do tema de modo sistematizado. Ficando apenas as discussões sobre gênero e sexualidade às margens dos temas principais, como, por exemplo, uma violência sofrida por uma mulher ou as querelas em relação ao aborto.

O que se depreende e podemos perceber nas falas seguintes

Eu sou formado em filosofia, mas eu não tive, na formação, nenhuma discussão. E quando aparecia a discussão, na verdade, é mais para se apagar o fogo de uma violência que acontece, de alguém que tema alguém disso ou daquilo, e aí aparece a discussão. Mas não é uma discussão formativa, é uma reação, na verdade, a algum tipo de comentário violência que acontece, e aí o assunto aparece. Aparece nesse sentido de alguém debater a coisa, mas não lembro de ter na formação (*Sócrates*).

Meu estudo atual não discute especificamente gênero, mas em algumas disciplinas já se discute a formação social do ser humano. Tem sido interessante e bem esclarecedor, principalmente quando olhamos para a educação infantil, e como podemos debater de forma didática com os educandos e os responsáveis sobre esse assunto (*Hipátia*).

Fraco. Dentro dos 11 períodos que estive na Pedagogia, nunca houve um debate sobre a temática dentro das disciplinas (*Aspásia*).

O curso não tem em sua grade disciplinas que abordem sobre o tema. Então considero que o curso carece urgentemente de inclusão sobre estes estudos (*Diotima*).

Tem muito pouco estudo. E se tem, parte individualmente de um professor ou outro, não consta no currículo (*Safo*).

Evidenciando o questionamento levantado por Daniel Vieira da Silva (2017), quando aponta que a prática corriqueira em sala de aula, cuja intervenção sobre o

tema não pode ser apenas apagar o fogo de violências sofridas naquele momento, intervindo pontualmente no conflito. Antes, as práticas pedagógicas devem constituir-se em planejamentos que visem a abordagem do tema de forma curricular, interdisciplinar e que dialogue constantemente com o projeto político pedagógico de cada escola, em consonância com os planos e diretrizes da educação.

A participante *Temistocleia*, que possui formação em História, destaca como a discussão tem se feito presente na pedagogia pelas perspectivas que as mulheres imprimem ao curso. Primeiro pelo caráter majoritário da presença feminina no curso. Depois pela urgência em se pensar um espaço ocupados em sua maioria por mulheres, ainda operar sob uma perspectiva masculina, ao que ela aponta a necessidade de “desmasculinização”.

Eu sou professora de História e, ao mesmo tempo, estou fazendo pedagogia. E na pedagogia existe muita essa discussão, porque é um culto majoritariamente feminino. É um processo de feminização bem demarcado. Só que, ao mesmo tempo, é sempre muito... É as mesmas discussões. Então, a gente sempre vai ler o professor Assistia Anão, a gente sempre vai falar sobre a desmasculinização do espaço. Ao mesmo tempo, eu me formei antes em história e não tive nada dessa discussão. Nada disso a gente vai levar para a sala de aula da graduação para conversar tanto com os graduandos quanto com o tema de pesquisa dos professores (*Tesmitocleia*).

É importante pensarmos, do ponto de vista da formação, no modo como esse não-lugar que alguns sujeitos ocupam nos processos formativos de docentes exerce influência na sua atuação em sala de aula. A recente Lei nº 14.986/2024 que altera a Leis de Diretrizes e Base-LDB incluí a importância e a necessidade de abordar experiências e conteúdos femininos na educação. É evidente que a lei é um importante marco para a educação, pois incluí essas sujeitas historicamente excluídas, mas é também muito importante que se pense e tencione as instituições responsáveis por essa formação a inserirem em seus currículos elementos que deem condições para que isso aconteça nas escolas. Trata-se de instrumentalizar futuras/os docentes para realizar esses debates com qualidade e referencial teórico sólido.

Ainda são poucas as licenciaturas, especificamente as licenciaturas da área de Ciências Humanas, que tem em sua grade disciplinas especialmente voltadas às discussões de gênero e de sexualidade. O que pode ser constatado na fala da

participante *Heloisa*, estudante do primeiro período de pedagogia. Ela relata que tem visto o tema em disciplinas cursadas, como: psicologia da educação e antropologia. Mas não identifica na grade do curso alguma disciplina que aborde os temas como assunto principal, são sempre margeada.

Então, eu também nunca... A princípio, eu estou no primeiro período ainda de pedagogia. E a princípio nós também não tivemos nenhuma discussão especificamente sobre isso. Mas a professora de psicologia na educação, ela fala bastante isso quando ela vai também falar sobre a construção do sujeito. Então ela falou bastante sobre o que constrói, o que as pessoas entendem sobre ser mulher e ser homem. Também a professora de antropologia, ela também falou bastante sobre isso, na verdade, mas não é o foco do assunto da aula, mas acaba atravessando essas ideias. Porque a gente vai discutir o ser humano, discutir a formação da criança. Então foi um pouco pertinente esse assunto em alguns momentos (*Heloisa*).

Aqui é fundamental pensar que há um ganho significativo que os temas tenham aparecido nas disciplinas, que tenha sido sob um viés dos Estudos sobre Gênero e Sexualidade e que torne evidente a sua inter e transdisciplinariedade. Embora, seja preciso a sua efetivação também enquanto disciplinas curriculares, cujos status estejam focados em pensar essas perspectivas sob a ótica do gênero e da sexualidade, isto é: ver em cada situação como elas são constituídas devido ao gênero, e não em relação ao gênero (Butler, 2015).

O que é delimitado pela participante *Matilde de Magdeburg*, ao apresentar como a sua formação, já na pós graduação, trouxe o debate sobre a mulher para um nível em que a olhamos para ela como um sujeito que produz, mas que é invisibilizada. Sugere, inicialmente, uma crítica ao curso de arte, que ainda manteria um olhar sobre a mulher do lugar comum: como musa inspiradora.

Então, eu sou formada em artes, né? Então, apesar de ser um curso que para muitos no senso comum pensam que é um curso mais aberto, ao diálogo. É um curso que evidencia muito essa questão das sociedades em relação ao (inaudível) Aí eu vou falar da questão do gênero feminino, porque no período da história da arte, enfim, a mulher é muito colocada como um objeto, como ser contemplada, ser pintada. E somente mesmo na minha especialização e no mestrado e agora no doutorado que a gente vê aparecendo esses discursos dentro. Da área das artes. Nessas discussões em relação a pensar essa questão da mulher, não mais a mulher como apenas um objeto dentro do museu, seja por meio de uma escultura, de uma pintura, mas a mulher enquanto produtora. De conhecimento, produtora de artes. Ainda é um pouco escasso, esse tipo de discussão, ela passa muito batida quando a

gente vê a parte da contemporaneidade, mas ainda precisa de um aprofundamento, porque esses assuntos eles brotam, principalmente aqueles professores. Que estão na sala de aula, principalmente. Da educação básica, em que a gente. Precisa fazer sistemas transversais, fazer essas discussões. Dentro da sala de aula, porque somos educadores (*Matilde de Magdeburg*)

As falas das/dos participantes sobre a temática tem muita proximidade no que diz respeito ao modo raso como elas/eles alegam que as abordagens acontecem. Sobre a abordagem em sala de aula, as/os participantes apontam que a dificuldade é adequar a linguagem, a fim de que não sejam penalizados por tratarem do tema. Apontam como essa recepção pela família é vista com determinado temor ao se abordar em sala. Conforme aponta *Aristóteles*.

O problema todo é como é que é confuso até para nós adultos, para você inserir esse tipo de conceito hoje, que está normal, que é o normal, né? Hoje em dia, da sexualidade homem-mulher, homem com homem, mulher com mulher, na cabeça de uma criança, e os pais e as mães com a cabeça antiquada não aceitam isso porque eu sei que tem pais e mães que não aceitam esse tipo de informações dentro da sala de aula a verdade é essa e aí quando a criança na sua inocência faz esse tipo de pergunta para você ou então quando chegar em casa pergunta para os seus pais ou para suas mães ele vem questionar na escola. Esse tipo de pergunta, entendeu? A gente sabe que, infelizmente, isso tem que ser posto. Até a parte sexual tem que ser falada. Mas tem muitos pais e muitas mães que não aceitam isso. Infelizmente, não aceitam, mas tem que ser proposto. É uma proposta pedagógica que faz parte, se não me engano, até da LDB. Esse tipo de informações, mas os pais e as mães ainda não aceitam porque eu até entendo porque é meio confuso para passar isso para as crianças porque eles não vão achar que é normal né e tem que achar que é normal e como eu falei tem pais e mães não é que eles sejam preconceituosos é que a gente também tem que é assim no caso a gente tem que aceitar também as diferenças. Tem pais e mães que tem aquela cabeça antiquada, mas também que não pode ser pré-julgados. E vou te dizer, é complicado demais você passar isso para essas crianças dentro da sala de aula e quando há reuniões de pais e mães fazê-los e fazê-las entender, entendeu? (*Aristóteles*)

Enquanto a participantes *Beatriz de Nazaré* apontou como a temática pode gerar tantas ramificações que atravessam cada aluna e aluno em sala que podem fugir do planejamento da/o docente. Como o caso em que relata a presença de constrangimento de uma aluna em relações aos abusos sofridos.

Eu tenho turmas do ensino médio e em algumas aulas que a gente precisa levantar, por exemplo, temas de redação para discutir, debater, alguns temas ficam muito sensíveis. E eu me lembro que há uns anos atrás a gente levou para discutir, a equipe de linguagem levou para a sala para discutir a questão

de identidade, de gênero mesmo, e era uma discussão mais geral para um tema específico. E a gente começou a conversar sobre isso e a gente entrou em assuntos voltados para o abuso sexual. Não era o tema principal, mas acabou virando. E aí nessa discussão, uma aluna começou a se comportar de um jeito muito estranho. E a gente estava, como foi um 'aulão', estava uma equipe, né? Então as pessoas começaram a perceber que ela estava muito desconfortável. E a menina começou a chorar mesmo. E a gente encerrou ali, deu um contorno, encerrou. E depois a gente pôde conversar com ela. Não foi a única vez, mas esse episódio me chocou muito porque foi a primeira vez que aconteceu diretamente comigo. Então, a partir de uma discussão de sala de aula, de um tema que não era o tema principal, era um tema ali que tangenciava. Mas que a gente acabou entrando nessa questão de abuso sexual, enfim. A menina, era um pedido de socorro, o que ela estava fazendo ali (*Beatriz de Nazaré*).

A participante *Hipátia* destaca a importância de dialogar didaticamente com as temáticas, dada a sua necessidade urgente e atual, sobretudo, no que tange a prevenção do abuso infantil com as crianças menores. Compreende a prática em sala como uma forma de proteção das crianças.

Então, uns dias atrás, acho que foi dois dias só, eu tinha visto no Instagram um vídeo que mostrava basicamente um exercício que uma escola fez com umas crianças, que eles botaram duas imagens de um menino e de uma menina, e usaram a ideia do semáforo, da luz verde, amarelo e vermelho, para as crianças poderem identificar, falar para elas, para mostrar naquelas imagens. Onde seria legal uma pessoa encostar, por exemplo, no seu braço, por exemplo, e colocar os sinais vermelhos e amarelos em lugares que seriam as partezinhas, mas ou em lugares que as crianças se sentem desconfortáveis de serem tocadas. Então, de fato, quando a gente fala sobre essas questões de discutir em sala de aula, existe, de fato, maneiras didáticas e que sejam fáceis de entender para as crianças, porque elas que são o alvo, assim, a princípio, pelo menos para essa conversa, o alvo do... da ideia de você educar e de fazer elas entenderem sobre esse assunto, porque de fato é um assunto que é infelizmente atual, essa forma como as pessoas muitas vezes abusam das crianças e elas não entendem, não são ensinadas a entender que isso é de fato um abuso ou que isso é uma coisa que não deveria acontecer. Então a escola tem hoje em dia formas fáceis de ser entendidas para as crianças de discutir nesse assunto e que deveriam ser mais populares entre as escolas, sabe? Porque, por exemplo, eu nunca vi isso, pelo menos aqui onde eu moro, por exemplo. Nunca soube de alguma escola que já fez algo parecido. E esse vídeo, eu não sei se ele era daqui do Rio de Janeiro ou algo do tipo. É, e as crianças são as maiores vítimas, né? Porque pra criança, determinados toques, ela acha estranho, mas ela não entende que está sendo abusada. Isso previne uma vida de abusos, né? Quando a gente consegue levar esses temas para a escola adequado às faixas etárias, né? (*Hipátia*)

A conversa nesse ponto revela aspectos e questões importantes que passam pelo receio de retaliação, pensar na possibilidade de uma escola como um espaço acolhedor que seja possível observar e denunciar abusos e também a dificuldades que

alguns participantes ainda têm de falar sobre o tema. Vale ressaltar também que uma formação docente que se debruce sobre essas questões dialoga com o que Picchetti e Seffner (2014, p. 69) apontam como “[...] a educação escolar, compreendida como campo de formação para a cidadania, é uma das áreas convocadas para a inclusão das diversidades sexuais e de gênero pelo viés dos direitos humanos na escola e na sociedade”.

As terminologias usadas também é um ponto importante para pensarmos, pois aqui trata-se da/o docente ter familiaridade com conceitos específicos do campo objetivando utilizar de forma apropriada em sala de aula.

### **Considerações finais**

Sabemos que cada vez mais cresce a necessidade de fortalecer e debater diversos temas que atravessam a vida de muitas pessoas objetivando a garantia de direitos humanos e bem estar. Gênero e sexualidade é um bom exemplo, sobretudo quando nos debruçamos sobre estatísticas que revelam a violência no Brasil.

Múltiplos lugares formam ideias e ideais sobre os conceitos supracitados, mas infelizmente alguns lançam diversos corpos ao lugar da abjeção e da marginalização fazendo com que algumas vidas não sejam dignas de ser vividas.

Cientes que todas as formas viver são igualmente dignas esse trabalho se propôs a pensar de forma coletiva qual o papel da escola e da educação a partir da formação docente para pensar essas questões. Propomo-nos a investigar como esses debates são feitos na formação docente com uma escuta atenta as contribuições dos/as futuros/as docentes.

Através da roda de conversa mediada por referenciais teóricos do campo do gênero e da sexualidade, da formação docente e também partindo das experiências de pessoas diferentes é importante ressaltar que ainda existem lacunas que carecem de preenchimento nos processos formativos.

Ainda que seja possível perceber pela fala das/dos participantes uma perspectiva mais crítica no que concerne ao modo como se apreende sobre gênero e sexualidade, bem como os possíveis significados de ser homem e ser mulher na

sociedade, é também possível identificar equívocos que são fruto de preconceitos estruturais. Vale ressaltar que possivelmente essas lacunas existentes tem de alguma maneira, relação com os processos formativos ou ausência de debates. Percebemos também que por algumas falas que se faz urgente entender os corpos para além do masculino e feminino, bem como que as questões de gênero atravessam todas/os, ainda que não gerem o mesmo impacto em todas as pessoas.

É interessante também observar que existe um movimento nos cursos de formação docente para pensar gênero e sexualidade na formação inicial e que as/os participantes identificam com clareza essa lacuna e problematizam. Igualmente importante é perceber que dentro de algumas revelam experiências da importância de tais debates para tornar a escola um lugar de segurança e conforto. Entretanto, como já mencionado, precisamos ter em mente que a formação docente deve ser atravessada por esses conceitos de modo que seja possível fornecer subsídios teóricos epistemológicos para que tais temas sejam trabalhados de forma qualificada na educação.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Vídeo: Duração 18:42, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- ARAUJO DE OLIVEIRA, Danilo; FERRARI, Anderson. Vigilância da sexualidade e heteronormatividade no currículo escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 46, p. 38–62, 2020. DOI: 10.26694/les.voi46.10373. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1038>. Acesso em: 2 abr. 2026.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”**. 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- CÉSAR, M. R. de A.; DUARTE, A. de M. **Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios**. *Educar em Revista*, n. 66, p. 141–155, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.54713>. Acesso em: jul. 2025.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; ROMERITTO, Renato; RUANI, Ruann Moutinho. Celebrando a Normatização da Vida: (Re)Pensando os Corpos Infantis Arbitrariamente Generificados em Vídeos de “Chás De Revelação” do Youtube. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 469–488, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.46467. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/46467>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DRAUZIO NEWS. Intersexualidade no nascimento divide especialistas | Drauzio News #42. YouTube. 4 de set. de 2019. 2min35s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRYJIhqxAFY>. Acesso em: 21 jul 2025.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. “Quem está preparado pra isso?”... **Reflexões sobre a formação docente para as homossexualidades. Práxis Educativa**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 295–317, 2013. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.8i1.0012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/4020>. Acesso em: 1 dez. 2023.

FERREIRA DOS SANTOS, Gustavo; OLIVEIRA GOMES, Vivianne. Sexualidade e homofobia na escola: trajetórias discursivas de docentes do ensino médio. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 29, n. 61, p. 1–29, 2025. DOI: 10.26694/rles.v29i61.6491. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/6491>. Acesso em: 2 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=isso). Acesso em: 29 mai. 2024

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-CorpoEducado-pdfrev.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PLAN INTERNATIONAL BRASIL. O Desafio da Igualdade. YouTube. 21 de nov. de 2016. 1min50s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>. Acesso em: 21 jul 2025.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890- 1930**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REDE PUC. Gênero e Sexualidade. YouTube. Rede PUC. 11 de dez. de 2017. 1min54s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mo5qR8\\_aw4c](https://www.youtube.com/watch?v=mo5qR8_aw4c). Acesso em: 21 jul 2025.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 15–30, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WskqTPrZgtc8k56XHvr8XBz/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar 2026.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALDANHA, Valmir. Educação Sexual para crianças - Projeto DEFENDA-SE | Marista. Valmir Saldanha | Linguajando. YouTube. 19 de out. de 2020. 2min22s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=c1rh7\\_q4zaw](https://www.youtube.com/watch?v=c1rh7_q4zaw). Acesso em: 21 jul 2025.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

SCOTT, Joan W. **Os usos e abusos do gênero**. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SCOTT, Joan W.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, Daniel Vieira da. **Experiências e práticas pedagógicas em gênero e sexualidade: conflitos e potências em narrativas de professores de educação básica**. 2017. 109 p.

Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2017. Disponível em:  
<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10230/1/Dissertacao%20Daniel%20Vieira%20Silva.pdf>. Acesso em: 21 jul 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978-85-232-1866-9. Disponível em:  
<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>. Acesso em: 22 jul. 2025.

#### HISTÓRICO

*Submetido:* 10 de Nov. de 2025.

*Aprovado:* 28 de Abr. de 2026.

*Publicado:* 10 de Mai. de 2026.

#### COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

ROMANAZZI FREIRE, C.; STORINO, A. L. B.. Roda de conversa e formação docente: diálogos possíveis sobre gênero e sexualidade. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**,v. 30, n.63, 2026, eISSN:2526-8449.